

A translinguagem no século XXI: transgredindo as concepções estruturalistas e (re)constituindo os sentidos linguísticos

Translanguaging in the 21st Century: Transgressing Structuralist Conceptions and (Re)constituting the Linguistic Senses

Marcinete Rocha da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-6916-0753>

e-mail: rocha.silva@unemat.br

Raquel Servino da Silva Albares
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-0671-9115>

e-mail: raquel.albares@unemat.br

Recibido: 07/11/2020
Aprobado: 02/02/2021

RESUMO

O objetivo deste trabalho é promover uma discussão a respeito da perspectiva translíngue em contraste com o monolinguismo nas realidades linguísticas do século XXI, transgredindo fronteiras entre as línguas e outros recursos semióticos. A base teórica está pautada nas concepções de Makoni e Pennycook (2015); García e Vogel (2017); Canagarajah (2017); Li Wei (2017); Rocha e Maciel (2019); dentre outros. Na orientação estruturalista, as teorias linguísticas têm pensado a língua como entidades fixas e separadas do mundo social, a escrita e a fala como mais relevantes em detrimento de outras modalidades de linguagem através das invenções de autonomia, normas, privilégios, sistematicidade, conhecimento linguístico científico sobreposto ao conhecimento ordinário, onde o indivíduo é inferior à língua. Por outro lado, a translinguagem pode ser considerada uma vertente mais fluida, dinâmica e expansiva nos processos de construção de sentidos ao ressignificar a língua como emergente das práticas sociais. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, a partir de um levantamento em periódicos nacionais e internacionais que indica um aumento no número de interesses em estudos que levam em consideração a linguagem com base na dinamicidade e fluidez.

Palavras-chave: Translinguagem – Monolinguismo – Transgressividade – Práticas sociais

ABSTRACT

The objective of this work is to promote a discussion about the translanguaging perspective in contrast to monolingualism in the linguistic realities of the 21st century, transgressing borders between languages and other semiotic resources. The theoretical basis is based on the conceptions of Makoni and Pennycook (2015); García and Vogel (2017); Canagarajah (2017); Li Wei (2017); Rocha and Maciel (2019); among others. In the structuralist orientation, linguistic theories have thought of language as fixed and separate entities from the social world, writing and speaking as more relevant to the detriment of other language modalities through the inventions of autonomy, norms, privileges, systematicity, scientific linguistic knowledge superimposed on ordinary knowledge, where the individual is inferior to the language. On the other hand, translanguaging can be considered a more fluid, dynamic and expansive aspect in the processes of construction of meanings, by re-signifying language as emerging from social practices. This is a bibliographic search, based on a survey in national and

international journals that indicates an increase in the number of interests in studies that take language into account based on dynamics and fluidity.

Keywords: Translanguaging – Monolingualism – Transgressiveness – Social practices

INTRODUÇÃO

A ideia de língua como entidade separada do mundo social surgiu ainda em meados do século XVIII, quando a burguesia começou a se ascender na Europa, especificamente na Inglaterra. Vale lembrar que o conceito “país” já existia antes mesmo do conceito “nação”, onde havia uma diversidade de falares, culturas e religiões. A monarquia, classe da nobreza, era a personificação do estado e recebia o poder diretamente de Deus, reinava, seguia o modelo constitucional e não tinha interação com a diversidade de pessoas que habitavam o território. Nesse cenário, a classe burguesa tinha as suas origens no comércio e começou a prosperar socialmente, logo passou a questionar a sua maior participação no país. Assim, embora a língua da monarquia era o francês ou alemão, os burgueses, falantes da língua inglesa, estavam adquirindo maior autonomia e evoluindo socialmente, passando a ter poder sobre a massa populacional e impondo a sua língua como dominante.

A sociedade era composta por uma diversidade de povos, tais como: indígenas, celtas, anglo-saxônicos e outras etnias com uma variedade cultural e linguística imensa, levando a classe soberana a impor com mais rigor as suas ordens, temendo perder o controle social. Nesse sentido, surgiu a relação de poder entre a classe dominante e a classe dominada, criando a demarcação de território e nação que contribuiu para o surgimento do monolinguismo, inventando a ideia de língua dominante como entidade fixa através dos mitos de autonomia, sistematicidade, regras e privilégios. Já as fronteiras territoriais foram demarcadas a partir de alianças políticas, matrimônios e conquistas de território em muitos casos de forma descontínua no continente europeu e através de impérios ultramarinos.

Como aborda Monteagudo (2012), a construção do estado-nação respondeu ao interesse da grande burguesia industrial, comercial e financeira, contribuindo de forma decisiva para a construção da nacionalização. A publicidade burguesa (*meetings*, clubes políticos e esportivos, festividades públicas, entre outras), contribuiu para a difusão da cultura monoglóssica e à divulgação da língua nacional. Ao discutir sobre esses conceitos, ressalta que a emergência dos estados nacionais começou a ter efeito a partir da ideia do modelo napoleônico que se orientou à uniformização e legitimação linguística das populações mediante à imposição da língua hegemônica. Essa invenção pode ser vista de uma maneira indissociável em relação ao conceito estado-nação.

Conforme Makoni e Pennycook (2015), juntamente com a invenção das línguas, surgiu a ideologia de línguas como entidades separáveis e enumeráveis, é assim que as gramáticas e os manuais didáticos foram criados, com base na construção linguística europeia, contribuindo ainda mais para a ideia de instituição linguística e sobreposição monolítica em detrimento das línguas locais minoritárias usadas pela diversidade de povos.

No século XX, essa concepção de monolinguismo foi reforçada através da inauguração do estruturalismo saussuriano que teve como base o pensamento positivista. Nesse contexto, a língua é vista enquanto homogênea e se constitui em um sistema fechado, com o intuito de analisar os seus fatores internos. Apesar de afirmar que a língua é um fato social, a decisão de Saussure em estudá-la enquanto sistema, fez com que se distanciasse da área de interação da linguagem e sociedade, e descrevesse os fatos estruturais que organizam o sistema linguístico, desconsiderando o contexto espaço-temporal, histórico, geográfico, cultural, político, social e o próprio sujeito falante.

A concepção estruturalista teve uma evolução com a teoria chomskiana, conduzindo ao universalismo, propondo a ideia de uma gramática individualizada e internalizada pelo sujeito, dando ênfase à sintaxe da língua que constitui um nível autônomo e central para a explicação da linguagem, definindo a competência como capacidade inata que o indivíduo tem de produzir, compreender e reconhecer as estruturas linguísticas. Seus estudos se centralizam no psíquico da linguagem e consequentemente, no domínio da razão.

Por outro lado, o pós-estruturalismo surge com a intenção de desinvenção e reconstituição dos sentidos linguísticos, considerando a língua como subordinada ao sujeito falante e à complexidade social das relações humanas, já que ela está em movimento contínuo por ser um fenômeno dinâmico e fluido. Quando usamos a língua, não a vemos enquanto sistema, mas como prática social. Desse modo,

a translanguagem é uma teoria moderna que busca a reconstituição linguística. Assim, diante dessas considerações, esse estudo visa refletir sobre como a perspectiva translíngue vem transformar a linguística contemporânea, questionando os conceitos enraizados nos estudos linguísticos convencionais.

DESINVENÇÃO E RECONSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA TRANSLÍNGUE

Ao se deparar com a expressão “desinvenção”, a primeira impressão que se tem é de desfazer algo que foi criado. A língua enquanto homogênea é questionável e não é suficiente para explicar a sua complexidade. É nessa lógica que faz-se necessário desinventar as concepções monolíticas e reconstituir a noção de língua, abarcando uma visão mais ampla para os fenômenos linguísticos.

Reagan (2004), citado por Makoni e Pennycook (2015), defende uma forma de consciência linguística crítica, empregando o construtivismo ao abordar duas perspectivas, a histórica para explicar que as línguas estão mudando e em fluxo e a social para mostrar que elas variam de acordo com os contextos, os falantes, as classes, o gênero, entre outros. Isso para argumentar que a noção de línguas como entidades fixas é problemática a partir de ambas as concepções. Dessa forma, acaba rejeitando a objetificação positivista da língua, a favor de uma vertente mais expansiva, complexa, sofisticada e matizada.

Nesse enfoque, a linguística contemporânea visa ressignificar as maneiras de pensar a língua. Assim, o translanguismo propõe que a linguagem seja vista como uma constituição múltipla de processos que concedem interações mais ativas em uma variedade de práticas históricas, situacionais, culturais e cognitivas. Para ampliar os estudos relacionados à teoria da prática da linguagem, como em Li Wei (2017), é imprescindível citar as contribuições de alguns autores.

García e Vogel (2017) ressaltam que o termo translanguagem foi cunhado pela primeira vez no país de Gales por Cen Williams, para se referir a práticas pedagógicas nas quais o inglês e o galês eram usados para funções diferentes, ou seja, ler em uma língua e escrever em outra. Consequentemente, o termo foi usado por García (2009) ao estudar o bilinguismo como dinâmico no processo de ensino e aprendizagem para também se referir a como as pessoas bilíngues usam de forma fluida os recursos linguísticos. A ideia é de transcender as fronteiras linguísticas para além das línguas nomeadas como o português, o espanhol, o inglês, entre outras; com a tentativa de romper com o conceito monolítico enraizado nas várias práticas de linguagem.

Nesse contexto, as autoras García e Vogel (2017), ao abordar sobre o prefixo *trans-* da translanguagem, citam as concepções de García e Li Wei (2014) e Li Wei (2011), enfatizando que as práticas de linguagem dos multilíngues vão além do uso de sistemas de línguas constituídas pelo estado-nação. Isso significa que os indivíduos selecionam e implantam recursos de um repertório linguístico unitário, ou seja, considerando todos os seus recursos linguísticos, extralinguísticos ou paralinguísticos, atentando para a diversidade e complexidade da linguagem na produção de sentidos. Assim, não se aplica o termo “empréstimo linguístico”, já que essa lógica cria fronteiras entre as línguas, como é o caso de usar palavras de outras línguas nomeadas na falta de uma expressão correspondente a um determinado vocábulo.

Com relação ao *code-switching*, Li Wei (2018) explica que se trata de uma alternância de códigos de um bilíngue em circunstâncias comunicativas específicas, portanto é insuficiente para responder a esses estudos, já que as suas investigações restringem em análise estruturais ou funcionais do processo de integrar sistemas gramaticais diferentes em uma unidade coerente e nos propósitos dessas alternâncias. Por outro lado, a translanguagem considera a maneira como os indivíduos usam diferentes recursos linguísticos, semióticos e cognitivos no processo de construção de sentidos. Nas palavras de García (2016) não há dois sistemas de linguagem correlativos que os bilíngues se mobilizam entre si, mas um sistema semiótico que abrange várias características linguísticas lexicais, morfológicas e gramaticais, além de práticas sociais e peculiaridades individuais, como gestos, postura, bem como aquilo que através do seu uso se torna parte da memória corporal (tecnologia de computador).

Para Li Wei (2017), o conceito instinto de translanguagem enfatiza que essa vertente transcende as fronteiras das línguas culturalmente definidas para ter uma comunicação mais dinâmica. No centro dessa concepção estão a natureza multissensorial, multimodal e multilíngue da interação humana. Sendo assim, não busca hierarquizar a fala ou escrita em detrimento de outros recursos semióticos.

As práticas cotidianas da linguagem são o maior foco de investigação do autor que aborda a translanguagem como um processo de ressemiotização transformador, levando em consideração a capacidade dos multilíngues de serem criativos e críticos no processo de construção de sentidos. Além de corroborar para a aprendizagem, a identidade e a subjetividade dos falantes de línguas inferiorizadas, pois preza pelo uso de sua habilidade para contestar, problematizar e articular ideias (LI WEI, 2011).

Conforme Canagarajah (2017), a perspectiva translíngue se define a partir da orientação que transcende texto/contexto ao trazer recursos ao longo do espaço e do tempo na produção de sentidos. Desse modo, fato linguístico envolve formas de signos além dos recursos verbais e a noção de espaço é vista como estrutura mais ampla para explicar a vida comunicativa e social. O prefixo *-trans* da prática translíngue, também enfatiza que os recursos semióticos modificam as estruturas sociais e tem a ideia de transformação, desafiando as concepções da linguagem construídas por contextos de relações de poder.

Para Rocha e Maciel (2019), atualmente os indivíduos estão inseridos em uma sociedade em que as relações humanas são essenciais na construção de sentidos. Portanto, é necessário repensar os conceitos reducionistas da linguagem que tendem unificar e homogeneizar a língua. É nesse enfoque que a translanguagem postula a comunicação humana como mais ambivalente e expansiva, englobando uma pluralidade de recursos linguísticos, múltiplas modalidades e mídias no processo de produção de sentidos, o que acaba impactando os aspectos comunicativos e cognitivos do sujeito sócio-histórico no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, buscou desconstruir as invenções linguísticas e as concepções estruturalistas que criaram conceitos reducionistas da linguagem como o monolingüismo e a homogeneidade. A construção da ideia de estado-nação nomeia as línguas nas orientações monolíticas e impõe o conceito de nação que demarca territórios, fronteiras, sistematicidade e privilégios linguísticos.

Os estudos translíngues, na atualidade, questionam a relação entre língua e nação, buscando romper com essas invenções monolíngues, na proposta de ir além, trazendo novos sentidos para a linguística contemporânea. A grande complexidade que envolve os sentidos linguísticos é pensar que não existe uma língua no singular, pois a língua é mais ideológica que abstrata, é um fenômeno dinâmico que emerge das práticas sociais, em uma pluralidade de contextos de uso. Essa abordagem não desconsidera o fato de que as línguas nomeadas existem, ela visa ampliar e ressignificar os conceitos linguísticos, transcendendo as fronteiras imaginárias entre as línguas.

A translanguagem considera que a linguagem se manifesta em formas e contextos diversos. Desse modo, tanto a língua quanto a cultura são consideradas heterogêneas, já que um falante pode ser multilíngue em uma mesma língua. Além disso, na comunicação, não só a linguagem verbal produz sentido, as diversas modalidades (espaciais, temporais, multissensoriais, cognitivas, multissemióticas) estão presentes como um aglomerado de repertório linguístico completo no meio social. Essa vertente acomoda práticas comunicativas mais significativas e não lineares ao enfatizar que não há fragmentação do que é linguístico, extralinguístico ou paralinguístico, incluindo repertórios espaciais mais expansivos, dinâmicos e fluidos em que os recursos semióticos e multimodais significam de maneira colaborativa, sem a possibilidade de separá-los na construção dos sentidos.

É assim que a translanguagem reflete a ideia de transgressividade, enquanto uma teoria da prática que transcende as fronteiras sociais e consequentemente, corrobora para um avanço nos estudos das práticas de linguagem na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- Canagarajah, S. Translingual practice as spatial repertoires: expanding the paradigm beyond structuralist orientations. *Applied Linguistics* 2018: 39/1: 31-54. Oxford University Press, 2017. DOI: 10.1093/applin/amx041.
- Maciel, R. F; Rocha, C. H. Multimodalidade, letramentos e translanguagem diálogos para a educação linguística contemporânea. In: Santos, L. I. S; Maciel, R. F. (Orgs.) *Formação e prática docente em língua portuguesa e literatura*, p. 117 - 144. Campinas: Pontes, 2019.
- Makoni, S; Pennycook, A. Desinventado e (re)constituindo línguas. Trad. Cristine G. Severo. *Work. Pap. Linguist.*, 16 (2): 9 - 34, Florianópolis, ago/dez, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n2p9>. Acesso em: 26 de setembro de 2020.

Monteagudo, H. A invenção do monolinguismo e da língua nacional. *Niterói*, n. 32, p. 43 - 53, 1. sem. 2012.

Vogel, S., & García, O. Translanguaging. In: G. Noblit & L. Moll (Eds). *Oxford Research Encyclopedia of Education*. Oxford University Press, 2017. DOI: 10.1093/acrefore/9780190264093.013.181.

Wei Li. Translanguaging as a practical theory of language. *Applied Linguistics 2018*: 39/1:9-30. Oxford University Press, 2017. DOI: 10.1093/applin/amx039.